

## **O FANZINE COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO CRÍTICO-REFLEXIVO: QUESTÕES, DILEMAS E PERSPECTIVAS**

Ioneide Santos do Nascimento

Maria da Glória Barbosa Soares Lima

### **RESUMO**

A proposta desse texto é analisar a utilização do fanzine como dispositivo pedagógico crítico-reflexivo na prática pedagógica do professor. Neste artigo as discussões que empreendemos decorrem do recorte de uma investigação em andamento e que se propõe investigar o fanzine como dispositivo pedagógico crítico-reflexivo no âmbito da formação docente, na condição de uma produção escrita que “dá voz” aos estudantes do Curso Normal Superior no sentido de extrair deles as significações e ressignificações sobre docência que se reconstrói na trajetória formativa. Esse texto discute aspectos teóricos no contexto da formação de professores numa perspectiva crítico-reflexiva e aspectos teóricos sobre o fanzine. Portanto, o que se propõe, num primeiro momento é caracterizar o fanzine, relatando sua história, processo construtivo, linguagem e as possibilidades discursivas dessa publicação. Em seguida, algumas questões sobre a formação de professores e a prática pedagógica reflexiva são pontuadas com o intuito de discutir as possibilidades e limites do uso do fanzine dentro da perspectiva de uma reflexão crítico-reflexiva na prática pedagógica do professor. Assim, esse trabalho se torna relevante no sentido de ampliar as discussões e reflexões sobre a formação docente de modo a concretizar em bases reais ações que possam contribuir para uma reestruturação das instituições formadoras. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, empregando as narrativas de formação apoiada teoricamente nos estudos de Guimarães, V. (2004), Bolívar (2002), Contreras (2002) Nóvoa (2003), Freire (1987) e outros; nos estudos do fanzine, apoiamos nas contribuições de Andraus (2006), Galvão (2006), Guimarães, E. (2005), Lourenço (2006), Magalhães (2003, 2004, 2005).

Palavras-chaves: Fanzine. Reflexão. Formação de professores. Produção midiática.

### **Introdução**

As discussões que empreendemos nesse texto fazem parte de uma pesquisa em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGed, que tem como foco o processo formativo no Curso Normal Superior e cujo objetivo é analisar a utilização do fanzine como dispositivo pedagógico crítico-reflexivo no âmbito da formação docente, no Curso Normal Superior do ISEAF.

A idéia central deste artigo é identificar, no fanzine, os facejamentos, as fronteiras do que seria o fanzine como produção midiática, voluntária, experimental, ideológica, literária, disseminada fora do contexto acadêmico/escolar bem como, seu alcance pedagógico. Nesse

enfoque, delimitamos o seguinte problema: como o fanzine que agrega e coloca variados tipos de texto e imagem pode contribuir como um dispositivo pedagógico crítico- reflexivo no processo de formação docente?

Desse modo, pretendemos analisar, a partir do contexto em que se encontra a formação docente como os estudantes do Curso Normal Superior, vão construindo sua identidade, o que eles dizem sobre essa formação e sobre as práticas formativas que vão se constituindo/construindo no interior do processo de formação.

É nessa sustentabilidade que, ao abordarmos esse tema - o fanzine como dispositivo pedagógico crítico-reflexivo - buscamos contribuir para a compreensão das articulações que os estudantes vem tecendo a partir da (re)construção e vivência de práticas formativas constituintes do processo de formação docente.

Para fundamentar teoricamente a temática em foco - o fanzine – buscamos as contribuições de Magalhães (2003, 2004, 2005), Guimarães (2005), Galvão (2006), Andraus (2002) e no campo da educação, nos apoiamos em Giesta (2001), Pimenta (2005), Guimarães (2004), Imbernón (2002).

Sendo assim, entendemos que esse trabalho se torna relevante no sentido de pôr em pauta a discussão que de certa forma, vem sendo agora acrescida de um novo enfoque: de uso do fanzine como suporte de narrativas (auto)biográficas vislumbrando contribuir com a formação de um educador crítico-reflexivo.

### **Ponto inicial: mas... o que é fanzine?**



Figura 1-Fanzines  
Fonte: Arquivo da pesquisadora

O fanzine como dispositivo pedagógico crítico-reflexivo merece algumas considerações preliminares visto que se trata de um termo não muito discutido no cotidiano escolar e até mesmo no contexto extraescolar, considerando que só em tempos bem recentes esse termo passou a integrar os dicionários, as enciclopédias, livros, mesmo assim ainda escassa o que tem levado os estudiosos a criarem suas próprias definições e os editores de fanzines firmarem seus discursos como verdades absolutas e/ou os próprios fanzines se apresentarem como tal.

Segundo Magalhães (2003), fanzine se constitui de um neologismo criado por Russ Chauvenet, em 1941, a partir de duas palavras inglesas, *fanatic* e *magazine* que vem significar “revista de fã”. Em consonância com o que foi dito, Guimarães (2005, p 11), assim conceitua o fanzine, “[...] é toda publicação feita por um fã”. Seguindo a dinâmica da língua a palavra em tela ganhou derivações; então, do termo fanzine surgiram outros que fazem parte do mundo dos fanzines: faneditor ou zineiros, é o editor do fanzine; fazinoteca é a coleção de fanzines; e hoje, há quem os denomine apenas como zines, nesses tempos de siglas e abreviações ou ainda, quando nos referimos a um fanzine que traz diversos assuntos.

Assim, podemos dizer que fanzine é uma produção gráfica que se aproxima de uma revista ou jornal, visto que agrega elementos destes, tais como, edição, diagramação, impressão, distribuição e alguns até publicidade, no entanto, é da natureza dos fanzine não seguir regras e nem tem finalidades lucrativas (LOURENÇO, 2006). Desse modo, o fanzine é editado e produzido por pessoas ou fãs-clubes e para um público dirigido: se uma pessoa é fã de um determinado artista, de um gênero musical ou tem interesse por um determinado assunto, como cinema, música, histórias em quadrinhos, reúne suas idéias e de outros fãs, organiza-as num papel, inclui imagens ou não, fotocopia, monta cada exemplar, grampeia e distribui para grupos de aficionados, via postal ou de mão em mão.

Seguindo a compreensão da autora, Guimarães (2005, p.11) assim o explica:

[...] o termo fanzine se disseminou de tal forma que hoje engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto enfocado. Assim, são fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de HQ's antigas, poesias, divulgação de bandas independente, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que o editor julgar interessante.

Representa nessa perspectiva, uma atividade resultante da iniciativa e do esforço de pessoas que se sentem envolvidas numa atividade cultural e ou artísticas. Os fanzineiros fazem veicular nos seus impressos textos informativos, opinativos, reproduções artísticas ou

comentários sobre elas, reprodução de HQ's antigas. Nesse sentido, comporta que não constitui plágio, uma vez que não tem intenção de obter lucro, ainda que ocorra venda, pois muitas vezes a venda é para cobrir os custos da cópia ou mesmo é comum o fato de alguns editores arcarem com o prejuízo.

Os fanzines têm sido definidos tanto pela grande imprensa, como por jornais, na condição de publicação que se apresenta segundo Galvão (2006) “[...] como um leque de possibilidades e surgem da vontade de não ficar calado, de destruir essa mordça que a própria imprensa e o Estado criam”. Nessa perspectiva, os fanzineiros se sentem livres da censura; eles mesmos se encarregam do processo de produção zinesca: concebem a idéia, montam as imagens e textos, cuidam da diagramação e por vezes até da própria impressão e o fazem circular por meio de trocas, vendas ou via postal. No entanto, mostram-se inconstantes, pois não tem prazo pra sair; alguns têm publicação efêmera e dependem da disponibilidade financeira, de encontrar informações e do interesse do editor pelo tema; o número de páginas e quantidade de exemplares depende também do orçamento do editor. Alguns fanzines se mostram mais rebuscados, pois os editores buscam a profissionalização. A verdade é que na atualidade, o fanzine constitui um meio de divulgar suas idéias.

Comporta, nesse sentido, fazer a seguinte indagação: como surgiram os fanzines? Embora o termo tenha sido criado por Russ Chauvenet, em 1941, porém, há registros de que eles surgiram bem antes, nos EUA, na década de 30, como publicações amadoras de fãs de ficção científica (MAGALHÃES, 2003). No Brasil, essa publicação surgiu através da criação de Edson Rontani, em Piracicaba/SP em 1965 com o nome de Boletim Ficção, impresso em mimeógrafo e dedicado às histórias em quadrinhos (MAGALHÃES, 2005). A figura 01 a seguir é um exemplo da primeira publicação brasileira de um fanzine.



Figura 1 - Capa do primeiro fanzine  
Fonte: Magalhães (2005, p.19)

Nesse caso, o Boletim Ficção pretendia ser uma forma de manter contato com outros aficionados de revista em quadrinhos trazendo num primeiro número diversos textos informativos e relacionado às publicações, desde 1905, de quadrinhos brasileiros (GUIMARÃES, 2005). Os primeiros fanzines brasileiros foram editados em mimeógrafos a álcool viabilizando pequenas tiragens e um baixo custo. Desde então, outras publicações deste gênero foram surgindo, mas somente na década de 70 receberam a denominação de fanzine.

Na década de 80, vários fanzines surgiram nas diversas regiões nacionais com diversas temáticas. Alguns autores atribuem a essa popularidade a difusão de máquinas xerográficas e a qualidades do fanzines abrindo espaço para a criatividade com projetos gráficos mais elaborados e com um melhor acabamento. No entanto, na segunda metade dos anos 80, os fanzines entraram em crise ocasionada pela crise econômica e também porque muitos fanzineiros não conseguiram alcançar um público maior, de modo que seu crescimento só foi retomado na década de 90. Atualmente, vemos o crescimento de fanzines de HQ's, sobretudo os de estilo mangá. Por outro lado, permeados pela crise econômica ou mesmo seduzidos pelas novas tecnologias, muitos fanzines tem migrado para a rede: são os e-zines (eletronic magazine) ou “revista eletrônica” que ainda não possui um perfil definido.

Um aspecto a ser considerado, diz respeito à confusão que se faz entre fanzine e revista alternativa., principalmente quando se concebe fanzine como publicação independente, alternativa. Para Magalhães (2003), fanzine é confundido com revistas alternativas devido ao seu modo de produção, distribuição e circulação sendo que “o primeiro é o veículo das notícias, dos comentários, da reflexão e a revista alternativa é o portfólio, que apresenta os novos artistas e veicula trabalhos que não encontram espaço nas publicações comerciais.” (MAGALHÃES, 2003, p.33).

No geral, a compreensão que aflora é que não é significativa a diferença entre ambas, visto que classificar alguns impressos como fanzine ou revista alternativa nem sempre é possível. Segundo Andraus (2002) há materiais publicados que misturam textos críticos e revistas em quadrinhos como apostilas explicativas governamentais de cunho social e de saúde, ou cartilhas de ONGs destinadas a esclarecimentos ecológicos a seus membros ou ao público em geral.

A propósito, Magalhães (2003) chama atenção para o fato de que não há ainda uma definição precisa para o que se chama publicação alternativa. O que o autor menciona é que em ambos – fanzines e revistas alternativas - encontramos pontos semelhantes, pois as duas publicações podem trazer elementos um do outro: “o conteúdo, o objetivo, a forma de

produção e o espaço maior ou menor dado a esses elementos é que vão determinar o caráter da publicação” (MAGALHÃES, 2003, p.34).

Considerar, neste caso, o fanzine como publicação independente tem gerado inúmeras definições a partir de diferentes pontos de vista, razão na qual entendemos que considerar fanzine como publicação independente e não alternativa parece ser mais apropriado. Nesse sentido, sintetiza revelando que alguns editores concebem o fanzine como “independente do meio comercial, da imprensa empresarial voltada para o lucro, mas não seria uma alternativa a esta, porque não estaria lhe fazendo concorrência nas bancas de revista” (MAGALHÃES, 2003, p.33).

Outra semelhança estabelecida por alguns estudiosos desde campo, sobretudo Andraus (2002) refere-se à aproximação do fanzine com a Literatura de Cordel: “ambos são manifestações de grupos populares envolvidos culturalmente numa produção que chega a ser artesanal”. Segundo o autor, os cordelistas ainda produzem seus folhetos sob processo manual como alguns zineiros e semelhantes àqueles, expõem seus trabalhos em varal. Portanto, é importante frisar que ambos, ainda que possam ter formas de expressão diferenciadas, ambos são de autores que contam e recontam histórias, versões, contos, romances e situações cotidianas individuais e/ou universais.

Na verdade, a literatura sobre fanzine ainda é escassa, em termos de publicação, mesmo assim a expansão desse veículo impresso nos permite classificar alguns tipos de fanzines: fanzine de quadrinhos, de ficção científica e horror, de música e literários, filosóficos e experimentais e ainda há aos que trazem assuntos gerais (GUIMARÃES, 2004). De acordo com Magalhães (2004, p.20) “como veículos de opinião, os fanzines propagam as mais diversas linhas de pensamento”. Portanto, na sua opinião, cada um desses tipos de fanzines podem apresentar uma ou algumas dessas características: a expressividade, a criatividade, o caráter informativo, contestador e de integração entre grupos aficionados pelo tema. Vale ressaltar ainda que mesmo aqueles que não fazem parte do grupo de fãs e são também possíveis leitores do impresso, uma vez que o editor do fanzine procura espalhar seus zines pelo mundo, através de um sistema de trocas ou vendas, neste último caso, a um baixo custo, considerando o valor da fotocópia.

Outro aspecto sobre os fanzines é que estes são possuidores de uma estética tradicional de recorte e colagem e depois reproduzidos em fotocopiadoras ou em gráficas rápidas metodologia que está se expandindo e ganhando a rede mundial de computadores. Assim seduzidos pelos recursos e rapidez na editoração e criações estéticas surgiram os e-zines ou fanzines virtuais que por não serem nosso objeto de estudo, não ampliaremos sua discussão,

reforçamos, pois, que o foco de nosso estudo é o fanzine de papel, como descrito anteriormente.

Diante do exposto, registramos que o fanzine, na condição de um dispositivo pedagógico empregado pelo professor no curso de formação de professores do ISEAF, representará o principal instrumento de recolha de dados na pesquisa que estamos desenvolvendo, considerando, sobretudo, sua versatilidade como instrumento constituidor de opiniões, reflexões e experimentações de várias linguagens e ousadias conceituais.

### **Formação de professores e prática pedagógica reflexiva:**

A formação docente é um processo que envolve toda uma complexidade, haja vista perpassar várias vertentes e a necessidade de articular as relações do sujeito com o mundo do trabalho e comprometendo-se com a transformação social de todos os envolvidos no âmbito educacional escolar. Assim deve o modelo de formação inicial que atualmente tem se baseado numa soma de disciplinas “teóricas” no início do curso e outras mais “práticas” no final do curso, consolidando uma separação evidente entre teoria e prática. Reafirma-se, pois, que sobre formação docente têm apontado a necessidade de se propor um novo modelo de formação docente inicial, considerando a dimensão política desta formação, em que os futuros professores possam se posicionar sobre a leitura da realidade de sua própria formação, da situação da escola pública e dos encaminhamentos que devem surgir a partir da reflexão desse novo olhar, percebendo a educação como um ato político e transformador da realidade e dos homens como atores e autores consciente defendendo sua participação como o principal elemento de intervenção democrática (Guimarães, 2003)

Conceber a formação de professores na perspectiva de uma prática reflexiva requer pensar o processo de interiorização de uma leitura da realidade em primeira instância, concomitante à sua problematização. A reflexão, portanto recai sobre as possibilidades e limites da formação docente, através da mediação de métodos, conteúdos, informações e produção de conhecimento como estratégia de uma formação docente comprometida com o ensino de qualidade que se discute e se deseja de forma coerente e concreta numa dimensão formativa ampla e diversificada.

Segundo Contreras (2002, p. 163) adverte que “a reflexão crítica não pode ser concebida como um processo de pensamento sem orientação”. Aspecto que nos mostra que não há “treinamento” para ser reflexivo. O que há são encaminhamentos na perspectiva de

que o professor possa construir-se como ser reflexivo (Imbernón (2002, p.15) reafirma esse entendimento ao referenciar que:

[...] a formação uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaço de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptam para poder conviver com a mudança e a incerteza.

Nessa perspectiva, a compreensão que se emerge é que os cursos de formação inicial devem dotar os futuros professores de espaços de exercício de reflexão sobre a educação, sua função e finalidades, princípios, valores e políticas educacionais, assim como refletir sobre sua trajetória de formação. Nessa direção, (re)construir os significados que cada um tem sobre a docência, baseados em seus valores, seu modo de situar-se no mundo, suas histórias de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e os anseios no sentido de, no futuro, ao ser professor, construir uma rede com outros professores em prol de um trabalho mais centrado na valorização pessoal, profissional e das instituições escolares, acrescentando as formas igualitárias de ser e intervir no mundo.

Contreras (2002, p.192) discute que a formação por meio de uma prática reflexiva objetiva entre outras demandas, a consolidação da autonomia profissional, razão porque que registra que “a autonomia [...] deve ser entendida como um processo de construção permanente no qual devem se conjugar, se equilibrar e fazer sentido muitos elementos”. Por isso, a concepção de reflexão e autonomia não deve ser entendida como algo simplório ou simplista, mas de construção permanente em defesa de um profissional que se constitui numa relação dialógica permeada pela reflexividade enquanto importantes componentes do processo formativo.

A formação de professores instiga muitos pesquisadores que ao longo de seus trabalhos tem destacado aspectos relevantes e o estudo sobre os processos formativos no interior das instituições formadoras tem aberto um leque de possibilidades de questões que se estabelecem a partir desses.

No entanto percebemos que a defesa de uma formação docente numa perspectiva crítica-reflexiva não tem se evidenciado na prática ficando mais em nível de discurso, mesmo com algumas iniciativas resultantes de estudos investigativos que tem mostrado a necessidade de se rever às estruturas administrativas e curriculares das instituições formadoras.

Implica, nesse sentido que as instituições formadoras devem ser pensadas como um ambiente de aprendizagem do conhecimento e das relações interativas com outros professores, do fazer pedagógico coletivo e de ser professor. Assim, quanto a esse aspecto, Giesta (2001, p.36) afirma:

[...] as transformações político-social-econômico e, mesmo pedagógica, vêm exigindo reflexão sobre a formação e a identidade profissional do professor, bem como o grau de consciência que tem do seu compromisso político e da sua competência técnica na sua parcela de contribuição à educação dos brasileiros.

De acordo como exposto, é perceptível o quanto é importante centrar as discussões sobre a formação docente dentro do enfoque que busca ampliar a compreensão sobre as categorias como o saber, o fazer e o ser professor. Uma formação assim entendida mostra uma preocupação com o desenvolvimento pessoal e profissional dos futuros professores, que se vê obrigado a assumir um compromisso pessoal com os quais deve responder a prática pedagógica no exercício da docência, no caso deste estudo, na docência superior. Portanto, quando a intenção é promover mudanças significativas nas instituições formadoras, entendemos que essas mudanças devem acontecer construídas junto com os estudantes do curso de formação, envolvendo-os dentro desse processo formativo.

Nesse horizonte, ao se buscar encaminhamentos que viabilizem a elaboração/construção de proposta de formação implica em tomar a formação como um momento de construção de conhecimento que acontece por meio de reflexão, da análise e da problematização. Um desses caminhos consiste em buscar situações novas que possibilite formar educadores verdadeiramente crítico-reflexivo no contexto escolar. Por isso, propomos buscar no fanzine esse espaço de exercício de uma prática reflexiva no sentido que este impresso encaminha para uma “postura reflexiva” diante das situações cotidianas ou resultantes da trajetória de formação.

Comporta desse modo, reforçar nossa indagação reconhecendo que esse processo desencadeia outras questões, entre elas, como o fanzine, um produto midiático, em geral disseminado fora do contexto acadêmico, pode se constituir um veículo de reflexão-crítica na formação docente?

É patente, pois que o fanzine funciona como um veículo de disseminação de idéias, não se prendendo às amarras ditadas pela grande imprensa. Um dos dados importantes a esse respeito é que os fanzines, de natureza questionadora se propõem também como um veículo de mediação de uma reflexão mais apurada sobre os processos formativos.

Assim, ao propormos incluir o fanzine como espaço para o exercício da reflexão partiu da lógica de realmente se trata de uma produção textual assim como se revela um instrumento de “voz” dos estudantes os interlocutores da pesquisa, no enriquecimento de seu processo formativo. Nesse contexto, a prática reflexiva se apresenta como uma postura teórico-metodológica que contribui significativamente com o referido processo, partindo da seguinte concepção:

[...] uma formação que parte do fato de os professores e professoras, como sujeitos adultos, dispõem de um conjunto de estruturas cognitivas, experiências de vida e ativos profissionais que devem servir de ponto de partida para a posterior reconstrução de suas práticas. ”(Bolívar, 2002, p.104)

Entendemos que fazer uso do fanzine como um dispositivo pedagógico<sup>3</sup> crítico-reflexivo nos coloca frente a um desafio, visto que o fanzine é disseminado forma do contexto escolar. No entanto, acreditamos que a sua natureza de ser um veículo de reflexão, de percepção sócio-histórico-cultural do indivíduo em seu ambiente coletivo, servirá como instrumento para o estudo a cerca dos processos formativos de ensino e aprendizagem desencadeados pelas reflexões problematizadas pelos sujeitos. Buscamos com o fanzine contribuir para o fortalecimento ou preenchimento de lacunas na formação cultural e profissional de indivíduos em um contexto contemporâneo.

### **Tecendo algumas considerações provisórias**

Nesse trabalho buscamos analisar o emprego do fanzine enquanto dispositivo pedagógico que pode desencadear processo críticos e reflexivos na prática pedagógica de professores de ensino superior, temática que solicita olhares pontuais sobre a formação docente. Nessa direção, o sentido da formação passa por uma considerável (re) significação: “ouvir” dos sujeitos suas expectativas em relação à formação e os processos formativos se constituem no interior das instituições formadoras, logo, no âmbito da prática pedagógica dos docentes nesse processo.

É exatamente por todos os aspectos mencionados entre o que vem se constituindo/construindo na formação docente. É um desafio e uma busca, no sentido de envolver esse novo enfoque nos estudos e fazeres que envolvem a formação de professores.

Portanto, esse estudo se torna relevante no sentido de contribuir com a ampliação das discussões e reflexões sobre a formação dos futuros professores numa perspectiva crítico-reflexiva de modo que possa concretizar em bases reais as ações desse processo formativo.

## REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. **Os fanzines e revistas Alternativas**. In: FOLKCOM. Santos, SP, 2002. Disponível em <<http://br.geocities.com/gazyandraus/2czfolk.htm>. Acesso em: 15/12/2008.

BOLÍVAR, Antônio (Org.). **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru: EDUSC, 2002.

BRZENZINSKI, Iria (Org.). **Profissão Professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

CONTRERAS, José. **A Autonomia dos professores**. São Paulo: Cortez, 2002

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 3 ed. São Paulo, Cortez, 2002.

GALVÃO, Demétrios Gomes. Juventude e fanzine: a cartografia de uma prática subversiva. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. (Org.). **Jovens e crianças: outras imagens**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

GIESTA, Nágila Caporlândia. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor: moda ou valorização do saber docente**. 1 ed. Araraquara: JM Editora, 2001.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2005.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2003.

\_\_\_\_\_. Henrique. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2004.

\_\_\_\_\_. Henrique. **A mutação radical dos fanzines**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2005.

NÓVOA, Antonio (Coord.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Vida de professores.** 2ed. Portugal: Porto Editora, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

